

Artigo

Trilha para internacionalização em casa: Brasil-Colômbia em espaços não formais

Trail to internationalization at home: Brazil-Colombia in non-formal spaces

Camino a la internacionalización en casa: Brasil-Colombia en espacios no formales

Pricila Kohls-Santos¹, Marília Morosini²

*Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília-DF, Brasil¹

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre-RS, Brasil²

Resumo

Um dos impactos da pandemia ocasionada pela Covid-19 é a diminuição da internacionalização via mobilidade acadêmica e a necessidade da consolidação de outras formas de internacionalização, como “internacionalização em casa” – IaH. Neste bojo, o presente artigo discute uma experiência de internacionalização entre Brasil e Colômbia, com o fito de oferecer subsídios à concepção de internacionalização em casa. Para o alcance do objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de estudo de caso, na disciplina de Educação em Espaços não Formais, em uma universidade comunitária. A experiência ocorreu nos meses de março e abril de 2019 e teve como suporte o aplicativo *Meet* do pacote *Classroom* da Google. A metodologia se consubstanciou numa Trilha para a Internacionalização em Casa, mediante a proposição de quatro etapas: Conhecimento e avaliação da proposta; Planejamento conjunto Brasil-Colômbia; Vivência virtual; e Avaliação da experiência. Como resultados da investigação, são apontados desafios, tais como a consolidação de uma cultura de ensino online e/ou híbrido nos cursos presenciais, a possibilidade de ampliação das ações de internacionalização por intermédio da tecnologia; outrossim, merece destaque a contribuição de que a perspectiva da internacionalização em casa pode possibilitar o aprimoramento da qualidade da educação superior, considerando principalmente a internacionalização Sul-Sul.

¹ Docente e pesquisadora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília. Doutorado em Educação. Pós-doutorado em Educação Superior pela PUCRS. Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Tecnologias Digitais, Internacionalização e Permanência estudantil (GeTIPE), Integrante da RedGUIA. ORCID id: <http://orcid.org/0000-0002-3349-4057> E-mail: pricila.kohls@gmail.com

² Doutora em Educação pela UFRGS e pós-doutora no LILLAS/Universidade do Texas. Professora titular da PUCRS, coordenadora do CEES – Centro de Estudos em Educação Superior, coordenadora da RIES – Rede Sulbrasileira de Investigadores da Educação Superior. Pesquisadora 1A CNPq. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-3445-1040> E-mail: marilia.morosini@puhrs.br

Abstract

One of the impacts of the pandemic caused by Covid-19 is the decrease in internationalization via academic mobility and the need to consolidate other forms of internationalization, such as “internationalization at home” – IaH. In this context, this article discusses an internationalization experience between Brazil and Colombia, with the aim of offering subsidies to the concept of internationalization at home. To reach the proposed objective, qualitative research was carried out, through a case study, in the discipline of Education in Non-Formal Spaces, in a community university. The experience took place in March and April 2019 and was supported by Meet software from Google's Classroom package. The methodology adopted was embodied in a Trail for Internationalization at Home, through the proposition of four stages: Knowledge and evaluation of the proposal; Brazil-Colombia joint planning; Virtual experience; and Evaluation of experience. As results of the investigation, challenges are pointed out, such as the consolidation of an online and/or hybrid teaching culture in on-site courses, the possibility of expanding internationalization actions through technology; in addition, the contribution that the perspective of internationalization at home can make possible the improvement of the quality of higher education, especially considering South-South internationalization, deserves to be highlighted.

Resumen

Uno de los impactos de la pandemia provocada por Covid-19 es la disminución de la internacionalización a través de la movilidad académica y la necesidad de consolidar otras formas de internacionalización, como la “internacionalización en casa” - IaH. En este contexto, este artículo analiza una experiencia de internacionalización entre Brasil y Colombia, con el objetivo de ofrecer subsidios al concepto de internacionalización en casa. Para alcanzar el objetivo propuesto, se realizó una investigación cualitativa, a través de un estudio de caso, en la disciplina de Educación en Espacios No Formales, en una universidad comunitaria. La experiencia tuvo lugar en marzo y abril de 2019 y fue respaldada por el software Meet del paquete Classroom de Google. La metodología adoptada se plasmó en un Camino de Internacionalización en el Hogar, a través de la propuesta de cuatro etapas: Conocimiento y evaluación de la propuesta; Planificación conjunta Brasil-Colombia; Experiencia virtual; y Evaluación de la experiencia. Como resultados de la investigación se señalan desafíos como la consolidación de una cultura docente online y/o híbrida en los cursos presenciales, la posibilidad de ampliar las acciones de internacionalización a través de la tecnología; Además, merece destacarse el aporte que la perspectiva de internacionalización en casa puede hacer posible la mejora de la calidad de la educación superior, especialmente considerando la internacionalización Sur-Sur.

Palavras-chave: Educação superior, Internacionalização em casa, Educação em espaços não formais, Global Sul.

Keywords: Higher education, Internationalization at home, Education in non-formal spaces, Global South.

Palabras claves: Educación superior, Internacionalización en casa, Educación en espacios no formales, Sur global.

Introdução

A internacionalização da educação superior está na pauta de diferentes órgãos educativos, bem como nas políticas públicas e institucionais. Os modelos de internacionalização da educação superior consistem, em sentido amplo, em propostas conceituais para internacionalização. Tais concepções partem de

pesquisadores como Knight (2004), Knight e De Wit (1999), De Wit (2011, 2013), Leask (2015), Altbach (2001), Altbach e Knight (2007), Teichler (2004), Beelen e Jones (2015a) e Morosini, Dalla Corte e Guilherme (2017), os quais compreendem o fenômeno da internacionalização da educação como processo – caminhos ou alternativas para ampliar e aprofundar as relações interculturais, sociais e educacionais em contextos internacionais e transnacionais.

A internacionalização da educação superior, neste século, vem se expandindo e criando novos modelos. Frequentemente é associada à mobilidade – internacionalização *crossborder* ou transfronteiriça, mas a realidade socioeconômica, mesmo de países desenvolvidos, tem permitido que poucos estudantes, técnicos ou professores possam realizar intercâmbio para outros países. Essa situação tende a se agravar com a pandemia ocasionada pelo coronavírus. Altbach e De Wit (2020) apontam que aprender as lições de longo prazo e estratégias de planejamento eficazes não é exatamente algo que a comunidade acadêmica está muito acostumada a fazer, apesar do esforço que as instituições de educação superior (IES) e todo o seu arcabouço acadêmico-administrativo vêm utilizando para o enfrentamento dessa crise.

Merece destaque o desenvolvimento de tecnologias de informação que possibilitam outras formas de internacionalização que aquela baseada na mobilidade, e aqui podemos citar a internacionalização em casa (IaH).

2. Internacionalização em casa (*at home*) – IaH

A internacionalização em casa consiste na integração intencional das dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os alunos nos ambientes de aprendizagem domésticos. É um dos modelos de internacionalização da educação superior que integra o modelo de internacionalização do currículo (IoC) (BEELEN; JONES, 2015b).

A IaH surge em torno dos anos 70, quando os *stakeholders* da educação superior se dão conta de que somente a mobilidade não seria suficiente para que o processo de internacionalização tivesse impacto sobre a educação superior. As políticas de mobilidade estabelecidas na União Europeia atingiam um percentual minoritário dos estudantes dos países membros. Na busca por outras formas de internacionalização, foi proposta a IaH, que poderia estender à comunidade acadêmica local uma educação internacional e intercultural sem a necessidade de realização de intercâmbio em outro país (ROBSON, 2017).

Na perspectiva do Global Sul³ de forma mais acentuada, a IaH traz uma conotação de inclusão social daqueles estudantes que não teriam condições econômicas para efetuar um intercâmbio, e de um Estado que não assume o papel de provedor desse intercâmbio.

A inexistência de um conceito claro de IaH está presente tanto para universidades do norte global quanto do sul global (ALMEIDA *et al.*, 2019). São destacadas como fatores-chave para a IaH: estratégias institucionais, currículo internacionalizado, integração estudantil e inclusão. Um dos fatores mais importantes é o estabelecimento de uma linguagem comum em torno da IaH, no nível institucional, particularmente entre os professores, que são considerados os principais impulsionadores da mudança educacional e institucional.

³ Países do hemisfério Sul.

A laH, na perspectiva do contexto brasileiro (MOROSINI; BARANZELLI, 2018), identifica que professores, especialmente em algumas áreas, como Administração e Letras, já trabalham com bibliografia internacionalizada, mas não nominam isso como internacionalização em casa. Em outras palavras, a internacionalização da educação superior é oculta, ou seja, está sendo posta em prática, mas não há consciência desta ação.

Paralelamente, Morosini e Baranzelli (2018) afirmam haver um consenso quanto à necessidade de maior apoio em relação à operacionalização da internacionalização. A falta de proficiência em línguas estrangeiras (por parte de funcionários e alunos) é um dos desafios, bem como a necessidade de integrar diferentes regiões e classes sociais. Ainda é identificado que a laH possibilita compreender diferentes culturas no próprio país, por meio do uso de novas ferramentas virtuais para o ensino, aprendizagem e contato com pessoas de diferentes idiomas.

Em síntese, a laH é um meio e não um fim; é focada em todos os estudantes; independe de estudantes internacionais; não depende do ensino em inglês; assume que os estudantes não estudarão no exterior; tem fundamento no respeito e na adaptação à diversidade; oferece informação e suporte a contextos específicos (raça, etnias, etc.); promove o diálogo e o engajamento intercultural; desenvolve adaptabilidade, flexibilidade e respeito às evidências; prepara os estudantes para a vida num mundo globalizado.

Existem vários níveis de internacionalização em casa, dependendo das ferramentas utilizadas na sua aplicação, estes níveis podem variar de literatura internacional, estudos de caso, professores convidados, dentre outros, sendo que essas ferramentas podem ser usadas para estruturar a laH (BEELEN, 2012, p. 170).

3. Contextualização da proposta

A disciplina de Educação em Espaços não Formais faz parte do currículo do curso de Pedagogia de uma Universidade Comunitária do sul do Brasil. Neste contexto, é uma disciplina eletiva e ofertada para os diferentes cursos. No segundo semestre de 2019, período em que a presente proposta foi realizada, a disciplina contou com 50 estudantes, oriundos dos cursos de Pedagogia, História, Psicologia, Teologia e Química.

A disciplina em questão é híbrida, com 4 créditos semanais (sendo 2 créditos para o presencial e 2 créditos para a modalidade à distância). O objetivo da disciplina, é a compreensão da possibilidade de complementaridade das ações educativas em diferentes espaços, além da problematização das práticas educativas e desenvolvimento da ação investigativa orientada pelo ciclo da pesquisa: questionamento, argumentação e comunicação. Além disso, promove o conhecimento e análise de experiências de educação não formal em diferentes campos de atuação, a partir da realização de trabalho de campo.

Nesse sentido, a proposta desta atividade de internacionalização em casa foi possibilitar aos estudantes da disciplina o contato com uma experiência internacional de educação em espaços não formais, além do contato com outro idioma e cultura de outro país. Para tal, partimos do conceito de Bellen e Jones (2015b, p. 65), que diz que a loC é a “integração intencional de dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal para todos os alunos

dentro de ambientes de aprendizagem em casa”, ou seja, dentro do próprio *campus* universitário.

Assim, como a disciplina aborda a educação em espaços não formais, foi escolhida a atividade intitulada *El Principito visita a La Ceja*⁴ para a troca de experiências com a turma em questão. Esta atividade originalmente foi desenvolvida na cidade de La Ceja, em Medellín - Colômbia, tendo por objetivo a educação emocional e o desenvolvimento da escrita criativa.

Figura 1 - Conhecimento e avaliação da Proposta



Fonte: Secretaria de Cultura de La Ceja.

Inicialmente foi feita uma visita ao contexto colombiano, na qual foi realizada entrevista presencial com a psicóloga Laura Saldarriaga, responsável pelo projeto na Colômbia. Nesta visita foi possível conhecer a proposta da atividade, bem como os espaços nos quais as ações foram realizadas na cidade de La Ceja - Medellín. Sendo que, para o desenvolvimento desta atividade no Brasil, na referida instituição, contou com etapas de planejamento e execução, com as atividades realizadas junto à turma.

O projeto intitulado *El Principito visita a La Ceja* foi vencedor de edital, no ano de 2017, do Instituto de Cultura e Patrimônio de Antioquia para estímulos ao talento criativo. A proposta contempla desenvolver diferentes atividades, em espaços não formais, tais como parques, praça central da cidade, campos de flores, albergues, etc. Todas as atividades envolviam a educação emocional e a escrita criativa, a partir do livro “O Pequeno Príncipe”.

A cidade de La Ceja é uma cidade de interior, fica a cerca de 30 minutos (de carro) de Medellín, segunda maior cidade da Colômbia, que está passando por um processo de modernização; nesse sentido, o projeto também abarcou a ideia de apresentar as novidades e inovações que chegaram na cidade para os

⁴ O Pequeno Príncipe visita La Ceja.

seus moradores. Após todas as etapas do projeto, que serão descritas no decorrer do artigo, ele culmina com a realização de um concurso literário, no qual os participantes são convidados a escrever o capítulo final do livro “O Pequeno Príncipe” a partir da experiência vivenciada nas atividades do projeto⁵.

4. Metodologia

O presente artigo se originou de um relato de experiência, bem como analisa como uma atividade envolvendo a internacionalização em casa pode contribuir para o entendimento prático da educação em espaços não formais de educação. Para o alcance do objetivo a pesquisa adotou a abordagem qualitativa, e metodologia do tipo estudo de caso exploratório.

A pesquisa qualitativa prioriza o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (CRESWELL, 2010). O estudo de caso, tal como proposto por Yin (2015), é visto como uma pesquisa empírica adequada para a investigação de um fenômeno contemporâneo, dentro de seu contexto real, abrangendo um contexto de revelações, típicas e raras. Um meio de investigação empírica, em que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente explícitos.

Nesse sentido, o estudo de caso, enquanto método, foi adotado por permitir conhecer mais holisticamente as impressões, percepções e realidades dos estudantes participantes da pesquisa, oportunizando observar o grupo da disciplina de Educação em Espaços não Formais. Os relatos apresentados pelos participantes foram analisados por meio da análise textual discursiva proposta por Moraes e Galiuzzi (2007), os quais propõem movimentos de desconstrução, fragmentação e desorganização para então estabelecer novas compreensões dos dados.

A produção de novas compreensões e a reconstrução de conhecimentos existentes sobre os fenômenos do discurso ocorrem por meio de um conjunto de textos, mediante interpretação e descrição, que possibilitam leituras relacionadas com a intenção dos autores e com os referenciais teóricos constituintes, por meio de aspectos dedutivos e indutivos. Esse processo foi realizado tendo como suporte para análise qualitativa dos dados o *software* Nvivo (versão 11), o qual permite fazer uma revisão minuciosa dos dados organizando-os em nós de análise que admitem verificar a cobertura de cada categoria nas fontes de dados, bem como analisar a incidência e recorrência de termos e sentidos das unidades de análise. Das unidades de sentido identificadas nos nós de análise, foram estabelecidas as quatro categorias emergentes que são apresentadas na análise dos dados.

5. A vivência no contexto brasileiro

Para o desenvolvimento desta estratégia de Internacionalização em Casa, contamos com diferentes etapas. Assim, apresentamos na figura 2, a proposta para o desenvolvimento da trilha que contou com quatro etapas: Conhecimento e avaliação da proposta; Planejamento conjunto Brasil-Colômbia,

⁵ <http://rvivencias.com/blog/arte/laura-saldarriaga-y-la-visita-de-el-principito-a-la-ceja/>

Vivência virtual e Avaliação da experiência. O desenvolvimento de cada uma destas etapas foi de suma importância para a realização deste projeto.

Figura 2 - Trilha para Internacionalização em Casa



Fonte: elaborada pelas autoras.

A etapa 1 foi o conhecimento e avaliação da proposta de trabalho realizada no contexto colombiano. Após esta etapa, a fase seguinte contou, com o planejamento das ações a serem desenvolvidas conjuntamente, para então levarmos a proposta de execução para o grupo de estudantes.

No Brasil, a etapa da vivência virtual foi precedida de leituras e reflexões sobre o conceito de Educação em Espaços não Formais, bem como de exemplos destes espaços no contexto brasileiro. Assim, a proposta colombiana foi alinhada aos objetivos para realização da atividade com os estudantes da disciplina de Educação em Espaços não Formais. Foram organizados dois encontros virtuais com os estudantes da turma e a idealizadora do projeto na Colômbia, durante o horário da aula presencial.

No primeiro encontro, figura 3, foi realizada uma conversa com Laura Saldarriaga, por videoconferência, em que Laura apresentou, aos estudantes brasileiros, o projeto realizado na Colômbia, bem como as atividades que foram realizadas com crianças e adultos na cidade de La Ceja. A partir desta conversa foi planejada a atividade vivencial com a turma.

Na videoconferência realizada na Aula 1, Laura relatou como foi planejado o projeto e os objetivos do mesmo. Apresentou os materiais utilizados para realização das atividades, bem como algumas fotos de momentos vivenciados com os participantes. Laura relatou que as atividades foram

realizadas em momentos distintos com as crianças e os adultos. Ao iniciar cada atividade era realizada a leitura de um ou dois capítulos do livro *El Principito*, a fim de contextualizar o grupo com a história.

Figura 3 - Encontro 1 realizado no Brasil



Fonte: as autoras, pesquisa de campo.

Uma das atividades consistiu em conhecer os lugares em que o Pequeno Príncipe havia estado na cidade de La Ceja, e para tal, “ele” enviou “fotos” de alguns lugares visitados. As fotos eram, por vezes, as aquarelas originais do livro, sendo que os participantes deveriam imaginar que lugar seria o correspondente em sua cidade, e outras vezes “fotomontagens” do Pequeno Príncipe na própria cidade.

Com o grupo de crianças, após imaginarem os lugares das “fotos”, lhes foi solicitado que escolhessem um deles para visitar. Foi relatado que o grupo escolheu uma foto com rosas, e então foi organizado um passeio a um cultivo de rosas. Nesse local, explicaram aos trabalhadores o motivo da visita e, como alguns dos camponeses não sabiam ler, os alunos realizaram a leitura de trechos do livro para os trabalhadores.

Em seu relato destacou a importância da visita, tanto para as crianças quanto para os camponeses, pois ambos os grupos se sentiram valorizados e reconhecidos em suas habilidades, quais sejam, a de leitura e a do cultivo de flores. O projeto culminou com um concurso literário a partir da experiência do *El Principito visita a La Ceja*. O concurso contou com a participação de aproximadamente 200 textos, em três categorias, sendo que o resultado do concurso foi apresentado durante um pôr do sol, na praça central da cidade.

Este relato possibilitou aos estudantes da disciplina de Educação em Espaços não Formais, além de uma vivência de internacionalização, conhecer uma experiência prática de educação em espaço não formal. Alinhando distintos espaços com a escrita criativa e o desenvolvimento emocional, os estudantes

puderam vislumbrar uma possibilidade diferenciada de utilização de diferentes espaços e criação e autoria criativa a partir de uma história literária já conhecida.

Após este primeiro encontro, durante a semana, a aula não presencial envolveu a leitura das reportagens sobre o projeto realizado na Colômbia, bem como dos capítulos ganhadores do concurso literário.

Em continuidade, foi realizado o segundo momento, Aula 2, com a prática de uma atividade vivencial que teve por objetivo expandir a imaginação e a criatividade dos estudantes, para que eles pudessem pensar atividades para além das estruturas formais de educação. Para este momento foi utilizada a caixa sensorial e três fichas para desenhos, cada uma com um objetivo.

A vivência foi conduzida pela professora Laura, por videoconferência, em espanhol, com mediação e apoio presencial das professoras da disciplina. No primeiro momento, foi realizada a leitura do primeiro capítulo do livro *El Principito*, em espanhol.

Figura 4 - Caixa sensorial

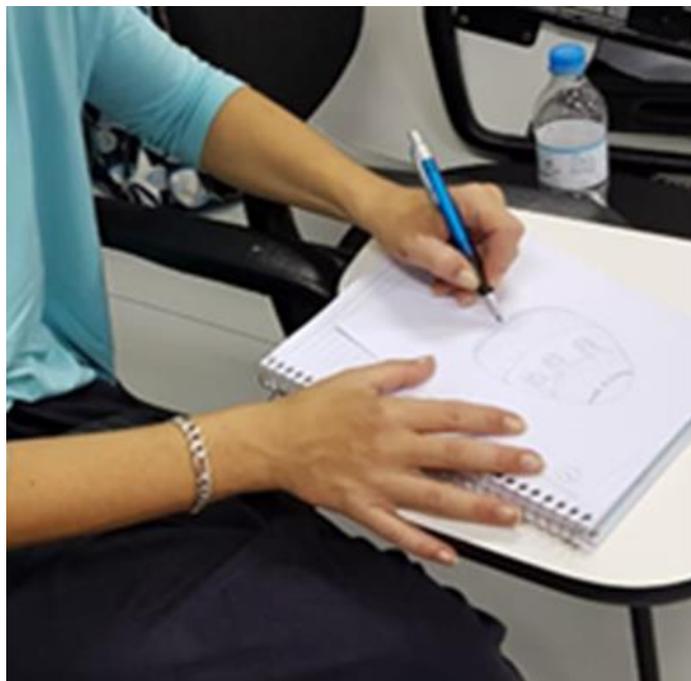


Fonte: as autoras, pesquisa de campo.

Inicialmente, foi solicitado aos estudantes que se imaginassem crianças e deixassem a imaginação fluir. Em seguida, foi realizada a atividade de Experiência sensorial com o desenho 1 do livro (chapéu), para serem trabalhadas a percepção e a imaginação. Aos estudantes foi passada uma caixa sensorial com diferentes objetivos, alguns do livro e outros diferentes. Num primeiro momento os estudantes somente sentiram os objetos, sem vê-los. A partir dessa experiência, fizeram o desenho 1 - "O que eu sinto que há dentro da caixa".

Num segundo momento, após a realização do desenho 1, os objetos foram retirados da caixa e cada estudante escolheu um objeto que lhe agradava ou que necessitava em sua vida. Passamos para o desenho 2 - "Desenhar o objeto escolhido, ou qual objeto necessita em sua vida".

Figura 5 - Exemplo de desenho 2



Fonte: os autoras, pesquisa de campo.

A partir dos desenhos se realizava uma rodada para exposição e fala dos estudantes sobre esses desenhos, para que pudessem compartilhar com os colegas as ilustrações e sentimentos vivenciados.

Logo após, a professora colombiana expunha a ideia do desenho 3. Ela convidava os estudantes a escreverem uma carta/bilhete do professor ao Pequeno Príncipe (escrita criativa). Então, cada estudante assumia o papel de professor e era convidado a pensar o que poderia ensinar sobre o objeto que tinha em mãos. Assim, o “professor” deveria criar um pequeno texto contando sobre o objeto escolhido da caixa e onde ele foi encontrado dentro da cidade de Porto Alegre ou arredores, bem como explicar em que espaço não formal o objeto pode ser encontrado e que atividade educativa lhe suscita propor, como professor, neste espaço não formal.

Em seguida, cada estudante entregou sua carta para o colega ao lado, com um doce, a fim de partilhar sua escrita criativa com o colega. Ao final, colocaram as cartas, juntamente com os objetos, na caixa sensorial para que ela pudesse ser “enviada” ao Pequeno Príncipe. Como encerramento deste momento, cada participante relatou suas impressões e sentimentos nos dois encontros com a professora colombiana, bem como sua relação com o contexto da disciplina de Educação em Espaços não Formais.

6. Análise e discussão dos resultados

No contexto desta investigação, a atividade proposta no âmbito da disciplina de Educação em Espaços não Formais objetivou fomentar nos estudantes a imaginação e criatividade para que eles pudessem pensar em

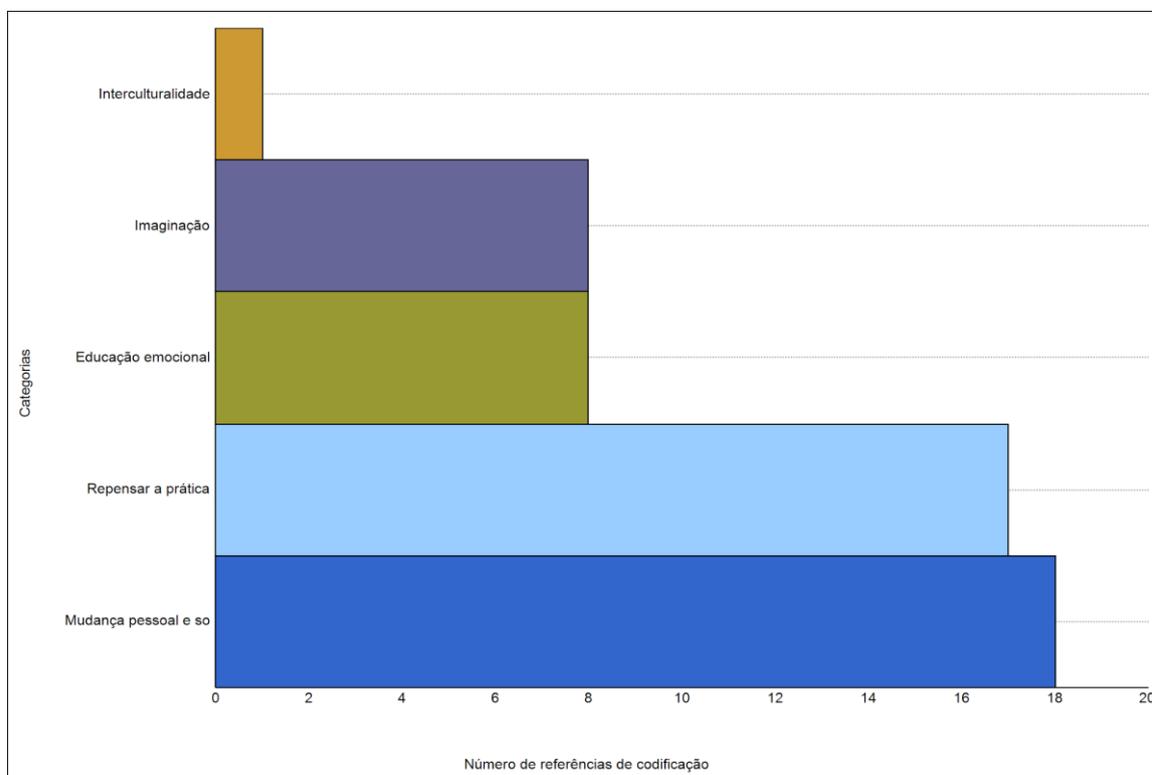
atividades educativas diferenciadas em outros espaços, para além da escola. Quando o estudante é convidado a escrever sobre o objeto e apresentá-lo como se um professor estivesse escrevendo ao Pequeno Príncipe, ele, o estudante está sendo convidado a colocar-se na posição de professor, e também a pensar de forma criativa e com um movimento de viajar para além das estruturas formais, pois os objetos são variados e não estão exatamente vinculados ao contexto de educação e sala de aula e/ou instituição de ensino, ou seja, o estudante é convidado a pensar a educação a partir de diferentes contextos e realidades.

Na etapa de avaliação, proposta na quarta etapa do fluxo de Internacionalização em Casa, os estudantes realizaram relatos sobre a vivência e experiência internacional. Tais relatos permitiram analisar o impacto que a vivência internacional teve na formação dos estudantes brasileiros participantes da pesquisa.

Os relatos foram analisados por meio da análise textual discursiva, os dados foram organizados em unidades de sentido que, posteriormente, vieram a compor as categorias para a escrita do metatexto. As categorias são: Interculturalidade, Imaginação, Educação emocional, Repensar a prática e Mudança pessoal e social, sendo que as mesmas foram criadas a partir da análise dos dados, portanto são todas categorias emergentes.

A exploração dos dados foi realizada com o auxílio do *software* NVivo, sendo que no gráfico 1 apresentamos as categorias e a presença da amplitude de inferências em cada categoria.

Gráfico 1 - Categorias de Análise



Fonte: elaborado pelas autoras, pesquisa de campo.

O gráfico 1 demonstra que ao avaliarem a vivência aqui relatada, os estudantes perceberam, em maior número, a possibilidade de mudança pessoal e social que esta prática pode proporcionar. Isso se deve muito ao fato de a proposta estar vinculada com a educação emocional e com a ampliação dos espaços de convivência social a partir da atividade *El Principito visita La Ceja*, tal como relatado pelo Estudante J:

Igual a educação não formal, o projeto desenvolvido pela professora colombiana possui uma intencionalidade, e ocorre através de um diálogo tematizado, que forma para a cidadania. É a educação que se aprende através do compartilhamento de experiências, não se submetendo a nenhuma regulamentação e órgãos educacionais. [...] poderíamos usar a mesma ideia, entretanto modificando o livro. É uma excelente forma dinâmica para explicarmos sobre a nossa cidade, nossa história. Criando projetos, para a leitura de livros, com diversas reflexões acerca de nosso contexto. (Estudante J)

Outro estudante assim se referiu:

Este projeto tem total relação com a educação não formal pois pensando que a Psicóloga busca através da poesia e do conto de forma lúdica ensinar as crianças de uma pequena cidade com questões culturais ainda antigas que sofreu uma transição muito rápida com a urbanização e o principal objeto do trabalho é abordar isso. Onde os mais velhos podem aprender com as crianças e vice e versa. Poder falar sobre essa questão de forma não formal, que é o que traz o projeto, possibilitando um ensino complementar. Buscando resgatar de forma efetiva os valores essenciais. (Estudante C2)

A partir dos relatos dos estudantes, foi possível inferir que eles também entendem o papel social da educação, e que por meio dela é possível buscar uma mudança pessoal e social, alinhando a prática a questões relacionadas ao desenvolvimento da cidadania e o olhar atento às questões sociais. Com relação a repensar a prática, os estudantes relataram “relacionar práticas educativas em outros cenários, promovendo a integração social e aprendizados significativos” (Estudante A). Outrossim, apontam a importância da partilha e da colaboração para o desenvolvimento de uma prática diferenciada: “Através das minhas percepções e das dos colegas, tive sentimentos e aprendizagens sobre espaços não formais que nunca havia pensado” (Estudante F).

A esse respeito, o Estudante A2 comentou: “A experiência colombiana me fez ampliar ainda mais a ideia de como a educação não formal pode estar presente em inúmeros contextos de atividades e tão importantes, mesmo para desenvolver os conteúdos do currículo”. Nesse sentido, vemos como válida a ampliação do horizonte conhecido em relação à educação em espaços não formais, também como forma de manter os estudantes engajados em seus estudos e na busca pelo conhecimento que vai além da formação inicial.

Entendemos que a Universidade possui o papel de preparar profissionais para atuar nas escolas e instituições de ensino, porém, não cabe

unicamente a ela esse papel. A formação docente é um processo permanente de busca pelo conhecimento, de inovação e qualificação da prática, que tem a ver com a responsabilidade de cada profissional pela qualificação e atualização/ampliação de seu conhecimento. Nesse sentido, a formação necessita ser planejada para todo o período de vida profissional, sendo papel da Universidade dar condições para que os estudantes possam continuar esta formação por conta própria (ZABALZA, 2015).

Assim, a formação é um processo contínuo que é desenvolvido ao longo da trajetória pessoal e profissional, e se traduz pela “troca de experiências e a partilha de saberes que consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando” (NÓVOA, 1997, p. 26). Para tanto, um de seus pressupostos é ter sempre presente que este ambiente é povoado por seres humanos, e que, como tais, possuem vivências e histórias de vida e de formação diferentes, o que por sua vez, pode enriquecer ainda mais esta busca pelo conhecimento.

Nesse sentido, vemos presente no relato dos estudantes a questão da educação emocional que também é um viés a ser abordado para além do currículo formal e deve estar presente na formação continuada dos profissionais da área da Educação. Dos estudantes participantes da atividade, 12 afirmaram ser a educação emocional uma necessidade de formação e também uma forma de se trabalhar o humano nas relações sociais, buscando resgatar de forma efetiva os valores essenciais.

De acordo com um dos estudantes participantes,

A educação emocional não está no currículo base da educação formal brasileira, portanto, projetos que buscam complementar a educação formal desta maneira são muito necessários. A educação emocional tem importante impacto no desenvolvimento do indivíduo, mas podemos extrapolar isso para efeitos sociais, visto que a formação compreensiva do ser humano, que vai além das "matérias básicas" ocupadas pelos espaços formais de educação, levam a um grupo de sujeitos engajados, socialmente conscientes e capazes de agir de forma pró-social. (Estudante C)

Ainda assim, a atividade realizada na Colômbia demonstra que a “educação em espaço não formal pode ocorrer em toda a cidade, com diferentes idades, com base em um único material que pode ser amplamente trabalhado criando experiências imaginárias e despertar o interesse de tantas pessoas” (Estudante G2). Tal como proposto por Gohn (2013) os espaços educativos não formais, localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais em que há processos interativos intencionais, de aprendizagem, mas não é necessariamente um espaço escolar.

Em relação a isso, outro estudante complementa considerando que é possível realizar esse tipo de ensinar, desde que tenhamos a intenção e consigamos planejar propostas que possam agregar em determinado grupo social; desta maneira, a educação em espaços não formais proporciona liberdade para criar aprendizagens partindo de diferentes realidades (Estudante L). Depreendemos pelas falas dos estudantes que eles extrapolaram a ideia da

atividade proposta, percebendo que é possível ampliar os horizontes da prática educativa a partir de diferentes cenários.

Quando apontada a questão da interculturalidade, por mais que este não tenha sido um termo presente nos textos e falas dos estudantes, verificou-se que eles perceberam a importância de conhecer uma outra cultura e poder vislumbrar que, mesmo distantes, as realidades podem ser muito semelhantes. Outra questão relevante a referir é a utilização das ferramentas de suporte para aulas online que possibilitaram esse contato com o estrangeiro.

Pensando na aula dada em que por meio de uma ligação de vídeo chamada, podemos estar em tempo real conversando com a Psicóloga Laura direto da Colômbia com o Brasil e tendo contato de como funciona o projeto, ouvindo da própria criadora dele. Uma conversa rica, pois entramos em contato com outra cultura e idioma, nos trazendo muito aprendizado de uma forma não formal. (Estudante A)

Esta experiência culminou com a reflexão sobre o repensar a prática docente e a inovação necessária para atender às demandas sociais e educacionais, trazendo um novo sentido ao fazer docente e à prática. Esta reflexão está presente na fala dos estudantes ao relatarem que “a atividade estimulou um olhar diferenciado para a prática. Acredito que aprendemos muito mais quando vivenciamos. [...] podendo facilmente ser adaptado para o contexto brasileiro” (Estudante C). Ainda assim, o Estudante G2 propôs uma releitura para a visita do *Principito*, ao pensar em “recontextualizar as lendas do sul para induzir uma percepção mais atual com a situação comunitária de uma região escolhida em Porto Alegre ou no Estado do Rio Grande do Sul”.

Este arrazoado traz à tona a responsabilidade do fazer docente e, principalmente, a necessidade de uma formação para a docência que leve em consideração os pressupostos sinalizados pela inerência da complexidade da construção do conhecimento. Pressupostos estes necessários para a formação de professores/profissionais capazes de renovar e adaptar-se a novas circunstâncias e aos novos desafios inerentes ao atual contexto educativo.

Diante da Trilha para Internacionalização em Casa em tela neste artigo, percebemos que esta foi uma possibilidade real de se trabalhar com a vivência de internacionalização a fim de desenvolver e/ou potencializar o desenvolvimento da interculturalidade nos estudantes da disciplina de Educação em Espaços não Formais. Ainda assim, ao procurar o desenvolvimento de competências interculturais buscamos uma prática voltada para a Educação para a cidadania global (UNESCO, 2015), a qual objetiva, além de outros aspectos, pensar problemas e soluções de distintas realidades adaptadas ao contexto de cada nação, o denominado glocal.

Além disso, foi possível aprofundar a reflexão sobre a importância da relação teoria e prática, bem como vislumbrar potencialidades e limitações para adaptação da proposta ao contexto brasileiro. Podemos depreender pelas falas dos estudantes a importância da ampliação da visão de mundo proporcionada por essa vivência, bem como a oportunidade de se pensar “fora da caixa”, para além das fronteiras do formal, e como ainda necessitamos compreender a importância de aprender coletivamente.

A partir de uma vivência pensada para o desenvolvimento da educação emocional, foi possível estabelecer o diálogo, a conectividade e adaptar para um exemplo prático de Educação em Espaços não Formais que oportunizou também aos nossos estudantes o contato com outro idioma, a percepção das diferenças culturais de um país para o outro, além do olhar para si e para o outro e sua importância para o repensar das práticas educativas.

6. Considerações finais

O texto buscou compreender a internacionalização para sujeitos que não realizam mobilidade acadêmica, mas que têm a possibilidade de uma educação internacional que contribua para a formação do cidadão global. Sua relevância está diretamente vinculada a países que têm uma grande diferença entre estratos socioeconômicos, como os do global sul, nos quais, somente um percentual muito pequeno tem condições de realizar intercâmbio para estudos internacionais.

No contexto de hoje, essa relevância é aumentada pelo impacto da Covid-19, que prevê uma diminuição marcante na mobilidade em todos os países, sejam eles do norte ou do sul, e a inserção de tecnologias de informação e comunicação como suporte ao ensino online, que é apontado não mais como tendência, mas como realidade.

Analisando a experiência detalhada neste artigo, percebe-se que foi uma oportunidade positiva para os estudantes conhecerem um contexto diferente de educação, bem como estar em contato com a cultura colombiana, além do conhecimento do idioma espanhol propriamente dito. A atividade possibilitou aos estudantes uma vivência internacional, dentro do *campus*, em uma experiência de Internacionalização em Casa. É óbvio que, se pensarmos em sua extensão, inúmeros desafios estão colocados. Nesse sentido, podem ser apontados a qualidade do suporte de tecnologias de informação, tanto em relação à existência de aplicativos de livre uso quanto de provedores de alta capacidade. Também pode ser citada a capacitação de professores e de estudantes para o domínio do ensino internacional em casa. E, no caso do Brasil, a superação de uma legislação formalista e centralizada no governo federal que coloca empecilhos para o reconhecimento de atividades desenvolvidas em outros *campus*.

Ainda assim, vemos uma grande possibilidade de esta atividade ser adaptada para diferentes sujeitos e contextos, tanto para estudantes quanto para docentes. Podendo ainda envolver diferentes países, possibilitando conhecer outras realidades e ampliar os horizontes, buscando colocar em prática o desenvolvimento da educação para a cidadania global, que tem como um de seus pilares a busca por práticas que possam melhorar contextos locais a partir de experiências globais.

Referências

ALMEIDA, Joana; ROBSON, Sue; MOROSINI, Marília Costa; BARANZELI, Caroline. Understanding internationalization at home: from perspectives the global north and south. **European Educational Research Journal**. 1-18. V.18, issue 2, 2019.

ALTBACH, Philip. Why higher education is not a global commodity. **The Chronicle of Higher Education**. USA, v. 47, may, 2001.

ALTBACH, Philip; DE WIT, Hans. **O impacto do coronavírus no ensino superior**. Nexo. Merida. 2020. Disponível em: <https://educacion.nexos.com.mx/?p=2221>. Acesso em: 24 fev. 2020.

ALTBACH, Philip; KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**, Los Angeles, n. 3/4, p. 290-305, 2007.

BEELEN, Jos. **Implementing internationalisation at home**. European Association for International Education (EAIE), 2012.

BEELEN, Jos; JONES, Elspeth. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, A.; PRICOPIE, L. M. R.; SCOTT, J. S. P. (eds.). **The European higher education area: Between critical reflections and future policies**. Dordrecht: Springer, 2015a, p. 67-80.

BEELEN, Jos; JONES, Elspeth. Defining 'internationalization at home'. **University World News**, Issue 393, 4 dez. 2015b.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**; Tradução Magda Lopes. – 3 Ed. – Porto Alegre: Artmed. 2010.

DE SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.

DE WIT, Hans. **Trends, Issues and Challenges in Internationalisation of Higher Education**. Amsterdam. Centre for Applied Research on Economics and Management, Hogeschool van Amsterdam, 2011.

DE WIT, Hans. Editorial. **Journal of Studies in International Education**, v. 17, Issue 5, 2013, p. 511-512. DOI: <https://doi.org/10.1177/1028315313508463>

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social em projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2013.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**. Sage Publications, v. 8, n. 1, spring, 2004. p. 5-31.

KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. **Quality and internationalisation in higher education**. [S. l.]: OECD, 1999. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/9789264173361-en.pdf?expires=1553879992&id=id&accname=ocid54025470&checksum=39F385EB353EAEC43E278DE262C36C04>. Acesso em: 24 fev. 2020. p. 13-18.

LEASK, Beth. **Internationalizing the curriculum**. Internationalization in Higher Education Series. NY: Routledge, 2015. 214 p.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual: discursiva**. Editora Unijuí, 2007.

MOROSINI, Marília Costa; BARANZELI, Caroline. IaH from the perspectives of Brazilian Academic Staff: challenges and possibilities of the IoC. In: **ATIAH Conference - Approaches and Tools for IaH. Erasmus Project**, 08 September, 2018. Eurac Research Centre, Bolzano, Italy, 2018.

MOROSINI, Marília Costa; DALLA CORTE, Marilene Gabriel; GUILHERME, Alexandre Anselmo. Internationalization of Higher Education: A Perspective from the Great South. **Creative Education**, v. 8, p. 95-113, 2017.

NÓVOA, Antônio (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

ROBSON, Sue. Internationalization at home: internationalizing the university experience of staff and students. **Educação**, Porto Alegre, V. 40, n. 3, p. 368-374, set.-dez. 2017.

TEICHLER, Ulrich. The changing debate on internationalization of higher education. **Higher Education**, Kluwer Academic Publishers, v. 48, 2004. p. 5-26.

UNESCO. **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: Unesco, 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZABALZA, Miguel B. Innovaciones didácticas para la nueva universidad del S. XXI. In: ENGERS, M. E. A.; MOROSINI, M. C.; FELICETTI, V. L. (orgs.). **Educação Superior e Aprendizagem**. Porto Alegre: EdiPucrs, 2015.

Contribuição dos autores

Autor 1: Participação ativa na escrita, com contribuição substancial para a concepção e análise, interpretação dos dados e revisão final do texto.

Autor 2: Participação ativa na escrita, com contribuição substancial para a concepção e análise, interpretação dos dados e revisão final do texto.

Enviado em: 30/setembro/2020 | Aprovado em: 21/dezembro/2020